

RELATÓRIOS DE EXPLORAÇÕES

UMA AVENTURA ESPELEOLÓGICA

GRUTAS DO AREADO GRANDE

Peter Slavec

Clube Alpino Paulista - CAP

Como acontece todo ano, vários grupos da SBE estavam se preparando para a expedição semanal de julho, mês de férias. Nesta época todos reservam uma semana de férias para ir explorar grutas em qualquer ponto do Brasil. Os grupos de São Paulo resolveram fazer este ano (1975) explorações em vários pontos diferentes em vez de explorar grutas da mesma região, como tem acontecido nos últimos anos, quando concentravam suas explorações no município de São Domingos, Goiás. Lá estão sendo exploradas diversas grutas, inclusive a Gruta São Mateus/Imbira, com seus 20000 m explorados até agora. Até o momento a maior gruta brasileira conhecida.

O grupo paulista Bagrus resolveu dedicar uma semana à instalação do laboratório subterrâneo em uma das grutas do Vale do Ribeira, Estado de São Paulo. O grupo Opiliões foi a novas regiões de Goiás à procura sistemática de novas grutas.

O grupo do CAP resolveu explorar também no Alto Vale do Ribeira, município do Iporanga. Há dois anos estávamos de olho na região do Areado Grande, pois, lendo os mapas aerofotogramétricos daquela área, tudo indicava a existência de pelo menos uma gruta promissora. Infelizmente a região fica isolada pelo sul, onde faz parte do PETAR - Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, onde costumávamos explorar grutas nos fins de semana. Para atacar daquele lado seria necessário fazer uma caminhada de dois dias pela floresta sem picadas ou trilhas; seria muito difícil daquele lado.

Recolhemos algumas informações locais na parte norte, nas fazendas e pequenas aglomerações à beira da estrada entre Guapiara e Apiaí, antes de julho. Foram suficientes para resolvermos dedicar uma semana das férias para explorar a região do Areado Grande à procura de grutas novas. Era pos

sível chegar até lá de jipe, saindo de Guapiara; o lugar ficava entre 25 e 34 km, iniciando a contagem desde Guapiara.

Passo seguinte, organizar a expedição. Éramos três os participantes, Jon Thornton, que tinha jipe, Álvaro Bento de Jesus, mais conhecido como Spagueti e Peter Slavec. Data de saída: 11 de julho. Por precaução, sairíamos com dois carros, pois o jipe estava em condições que inspiravam certa desconfiança, a ponto que resolveu vir conosco também Peter Barry, nomeado de mecânico da expedição. Ele e Jon resolveram sair na véspera, assim garantiriam a chegada até Guapiara não passando de 60 km/h no asfalto. Era uma manhã bela e ensolarada e às 10 horas, conforme combinamos, nos encontramos no posto de gasolina de Guapiara.

Passamos toda a bagagem para o jipe, tomamos mais um cafezinho no bar do posto e adeus civilização por uma semana. Conforme passávamos pelas moradias dos caboclos, colhíamos informações sobre grutas que por ventura existissem nas proximidades. Duas vezes passamos com carro por dentro do Rio Pilões, pois as pontes não existem. A estrada ficava cada vez mais tortuosa e íngreme, subindo e descendo os morros cobertos de mata virgem. De repente um vale maior, umas cinco casas; paramos novamente e perguntamos a um rapaz que se fazia procurar qualquer coisa nas imediações, mas seu interesse estava realmente em nós:

"Oi, moço, como se chama este lugar", perguntei

"Areado", respondeu

"Conhece por aí alguma gruta?"

"Tem uma aí onde some o Rio Areado"

Foi uma resposta suficiente para nos animar. Do nosso lado estava o Rio Areado, fazendo uma suave curva para fora da estrada e, entre ambos, um magnífico gramado plano, ideal para nosso acampamento base. Não havia dúvida. Meia hora depois o acampamento estava montado e estávamos de saída para ver onde o rio some.

Acompanhamos o curso d'água seguindo pela picada nosso novo guia, Bertolino. A uns duzentos metros a água se infiltra entre as pedras, correndo assim por uns 250 metros, voltando à superfície. Mas uns 100 metros adiante há novo sumidouro entrando mais profundamente e atravessando pequena elevação por 50 metros. Por enquanto não merecia exploração. Andamos ansiosos por mais uns 200 metros, onde o Rio Areado desaparecia novamente embaixo da terra. Foi aí que o moço parou. Perguntamos se adiante não aparecia novamente à luz do dia. A resposta foi positiva, mas ele nunca

foi ver o local. Pedimos que nos levasse até lá. Foi a somente uns 300 metros e fazendo picada para chegar no fundo de pequena depressão que ficava a uns 15 m abaixo do nível do vale, onde encontramos a saída do rio, uma boca de uns dois por dois metros aberta na rocha calcária. Para nossa surpresa logo adiante havia uma entrada similar por onde entrava calmamente o rio. Não havia dúvida. É aqui que devemos entrar e iniciar a exploração. Ainda era cedo, o sol brilhando no céu azul e até o acampamento apenas vinte minutos de caminhada. Resolvemos fazer uma rápida exploração a dentro para ver se a gruta oferecia condições físicas para a exploração. Tivemos que nos molhar quase até a cintura ao entrar. O rio corria em forma de um cotovelo e atravessando-o já nos encontrávamos num pequeno salão. Seguimos o curso do rio, a uns 50 metros sumia entre as rochas de uma parede. Mas à direita a galeria continua sem problemas e de longe se escuta novamente o rio saltando pedras. Foi suficiente para saber que tínhamos diante de nós uma boa caverna.

O dia seguinte foi dedicado inteiramente à exploração da gruta. Jon e Peter Barry faziam a parte explorativa, Spagueti e eu os seguíamos levantando a topografia da gruta com uma bússola, trena e altímetro. Depois de cada puxada e esticada de trena, novas emoções, nova visão do até então desconhecido, inviolado mundo por seres humanos; estreitamento de fendas, pequenas cascatas ou corredeiras de rio, gigantescas estalagmites e estalactites, ou delicadíssimas formas de espeleotemas, tudo merece ser fotografado, pesquisado e observado nos mínimos detalhes.

De repente a gruta se estreita numa fenda de uns 150, mas era alta, talvez uns 20 metros; mais um pouco um alargamento característico formando um lago lodoso de água parada. Ainda foi possível ver uns peixes meio despigmentados, depois a água ficou turva e na nossa frente um sifão intransponível. Seria o fim da gruta, o fim da exploração. Até aqui topografamos 360 metros desde a entrada da gruta.

Mas havia muito a ser explorado. Escalamos as paredes quase verticais e 8 metros acima do leito do rio encontramos nova galeria, seca mas bastante promissora. Era um antigo leito do rio. Havia trabalho para mais um dia de exploração. E hoje, afinal, era domingo, merecia um bom jantar e vinho.

O dia seguinte dedicamos à exploração externa da região, pois nossos mapas indicavam a possibilidade de existirem se não grutas, pelo menos alguns sumidouros que mereciam ser visitados. O tempo estava ótimo e as primeiras horas da manhã eu dediquei ao povoado e sua gente.

Areado, como dizem, ou Areado Grande, conforme indicado no mapa já era um próspero povoado há uns 50 anos. Algumas casas estavam em ruínas, entre as quais os pássaros faziam seus ninhos. No meio do vale há um pequeno brejo onde, à noite, os sapos cantam suas intermináveis serenatas. Fiquei surpreso ao constatar, numa das lagoas do brejo, peixes vermelhos, usados normalmente para decoração. Provavelmente alguém, há muito, tenha soltado um casal deles. Adaptaram-se magnificamente bem e hoje servem inclusive de "prato típico" aos caboclos do Areado.

No portão da casa do Seu Amaral havia ainda indício da festa de Sto. Antônio e S. João, uma árvore com galhos secos e apontados, onde estavam espetadas laranjas enfeitadas com fitas coloridas de papel crepe; num canto da pequena sala com chão de barro batido estava encostada uma sanfona. Assim se repete, ano após ano, no último meio século enquanto o homem civilizado das cidades se preocupa com cibernética, problemas urbanos...

Seu Amaral nos levou a conhecer uma outra gruta, cuja entrada conhecia. Infelizmente era só uma fenda comprida, e ele não conhecia outras grutas ou sumidouros.

No dia seguinte continuamos explorando a gruta do Areado Grande Jon, Spagueti e eu. Peter Barry já tinha sido levado antes para Guapiara pois tinha voltar a São Paulo. Foi mais um dia cheio de exploração. Resolvemos, logo no segundo salão, entrar para uma galeria superior à direita e após uma hora chegamos a outra galeria que julgávamos já conhecer. E realmente o lugar onde nos encontrávamos ficava apenas a cinco metros do marco que fizemos na exploração anterior. Logo depois encontramos bonitos travertinos cheios de água cristalina e adiante escutamos o barulho do rio. Logo encontramos a galeria que servia de conduto ao Rio Areado. Prendemos uma escada que se transporta em rolos de dez metros dentro da mochila e descemos até o leito do rio. Andando contra a correnteza, achamos depois de algum tempo o sifão por onde saía a água que encontramos no primeiro dia da exploração sumindo no sifão. Estava feita a comunicação pelo rio. Agora era só seguir o curso da água para ver onde ia.

Prosseguimos rapidamente e de repente percebemos a luz do dia. Vinha lá do teto, era uma clarabóia. Enquanto Jon subia Spagueti procurava a continuação da galeria, eu, deslumbrado, fotografava uma linda planta que crescia na quase total ausência de luz numa fenda de calcário, onde prendia suas raízes em um pouco de areia úmida. Foi a primeira vez que eu vi uma planta de uns 25 cm, quase despigmentada por falta de fotossíntese, crescer qua-

se em completa escuridão.

Achamos a passagem entre o pequeno desmoronamento e seguimos o rio por mais algum tempo. Mas logo adiante estava o fim. Lá estava o temível desmoronamento obstruindo a passagem enquanto a água se infiltrava silenciosamente entre os rochedos. Foi aí que terminou para essa vez a exploração da Gruta do Areado Grande.

Ainda na mesma noite, à luz do lampião, fiz o mapa topográfico da gruta. Estava com 1283 m explorados, o que coroava nossa expedição. Estávamos satisfeitos.

Observação: Foram feitas mais três excursões com finalidade de continuidade à exploração da Gruta do Areado Grande:

em 16.10.76 explorados mais 242 m
em 17.10.76 explorados mais 53 m
em 18.02.78 explorados mais 278 m

O total explorado até o momento é de 1856 metros, mas já sabemos que o total da gruta deverá ultrapassar 3000 metros.

* * * * *

POTENCIALIDADES ESPELEOLÓGICAS DO LAGEADO - IPORANGA/SP

Celso F. Zílio

Centro Excursionista Universitário - CEU

A nova divisão de áreas espeleológicas promovida pela SBE destinou ao Centro Excursionista Universitário (CEU) a região do Lageado, no município de Iporanga/SP, lente calcária de grande concentração de grutas e relativamente pouco explorada dado às suas dificuldades de acesso.

Cinco excursões exploratórias foram, até o momento, sistematicamente organizadas para lá (das quais participei de quatro), além de trabalhos espeleológicos terem sido levados a cabo, tais como exploração e escavação paleontológica no Abismo do Fossil (assunto de abordagem à parte).

A primeira, com duração de 3 a 7 de abril de 1977, composta de Roberto, Wendy, Ivo, Luis, Milton, Guilherme e Celso, serviu como um contato preli-